



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – CÂMPUS JAGUARÃO  
CURSO DE BACHARELADO EM PRODUÇÃO E POLÍTICA CULTURAL

JÚLIO CÉSAR FELIX SILVA

**RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE ENTRE PRATICANTES DE SKATE: UMA  
ANÁLISE A PARTIR DO CONTEXTO DA PRÁTICA NA PRAÇA ROOSEVELT DE  
SÃO PAULO-SP**

JAGUARÃO  
2017

JÚLIO CÉSAR FELIX SILVA

**RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE ENTRE PRATICANTES DE SKATE: UMA  
ANÁLISE A PARTIR DO CONTEXTO DA PRÁTICA NA PRAÇA ROOSEVELT DE  
SÃO PAULO-SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Produção e Política Cultural da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Produção e Política Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Da Rolt.

JAGUARÃO

2017

JÚLIO CÉSAR FELIX SILVA

**RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE ENTRE PRATICANTES DE SKATE: UMA  
ANÁLISE A PARTIR DO CONTEXTO DA PRÁTICA NA PRAÇA ROOSEVELT DE  
SÃO PAULO-SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Bacharelado em Produção e Política  
Cultural da Universidade Federal do Pampa, como  
requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel  
em Produção e Política Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Da Rolt.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dr. Clóvis da Rolt - UNIPAMPA  
Orientador

---

Dra. Carla Daniela Rabelo Rodrigues – UNIPAMPA

---

Dra. Vera Maria Guimarães - UNIPAMPA

JAGUARÃO – RS

2017

Dedico este trabalho a todas as minhas famílias.

## AGRADECIMENTO

À minha mãe, Neide, e ao meu pai, Marivaldo, por me apoiarem e me incentivarem em todos os momentos da minha vida. Por todos os conselhos, por nunca medirem seus esforços e sempre oferecerem-se para me ajudar e me dar de tudo o melhor. Sem vocês essa graduação não seria possível, palavras aqui não bastam para agradecer. Amo muito vocês.

À minha irmã, Juliana, que sempre está comigo e me ajuda na vida. É nós mano, te amo!

À minha companheira, de vida, universidade, trabalho, que sempre está ao meu lado, em todos os momentos. Me ajudando muito, inclusive nos fazeres acadêmicos. Te amo minha Tinha!

Aos meus sogros pelos apoios e auxílios dados para que mais um ciclo se concluísse na minha vida e da minha companheira. E ao meu cunhado Anderson que me ajudou nas revisões deste trabalho.

Ao professor Clóvis por todas as orientações na construção desse trabalho, por aceitar estudar skate junto comigo, por acreditar nos potenciais desta pesquisa e por me ensinar oferecendo autonomia. À todos os professores que me transferiram conhecimentos. Em especial ao professor Thomas que nos incentiva em trabalhar a favor das diversidades culturais. E à professora Carla que valoriza meu lugar de fala, minhas preferências e incentiva meus estudos sobre culturas urbanas.

À Cris e Tônia por todos os auxílios na universidade e experiências no NInA/NuDe. À Danuse por todas as risadas, otimismo e ensinamentos.

Ao skate, que faz parte da minha vida, que me proporciona diversas vivências, aprendizados, amizades, alegrias e motivações. Após a minha lesão continuo andando de skate e inserindo skate no meu cotidiano, mesmo que nas pesquisas.

Aos skatistas entrevistados na praça Franklin Roosevelt.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram neste meu período de graduação e vida.

*“Eu daqui de dentro, eu vejo, rapaziada lá fora tá mandando vê!  
Mas acredito então no meu bom proceder.  
Acho descer pelo canion uma manobra apavora.  
Nessa hora muitos temem e é só pavor, frio na barriga.  
Mano, frio na barriga, mano, não tem como. Segure sua onda!  
Use o capacete. Cuidado com a mão no "grabber",  
Ou no manete. Um nollie para lá, um ollie para cá...  
Mano tem coragem então, caí no meio!  
A borda do copping, é mil grau! Manobras de nose é  
fundamental.  
Somos todos "streeteiros", vagabundo é mal!  
Mas, minha cara e meu estilo é bem o overall!”*

(Champignon, Chorão, Mikimba - 2000)

## RESUMO

A partir de questionamentos sobre a interpretação do skate enquanto prática cultural, neste artigo analiso a prática do skate como elemento constitutivo de uma forma de cultura produzida por relações de sociabilidade entre seus praticantes. Definindo como objetivo principal deste trabalho analisar as relações de sociabilidade entre praticantes de skate da Praça Franklin Roosevelt (São Paulo-SP). O campo de estudos ao qual me dirigi ainda apresenta algumas lacunas que podem ser melhor esclarecidas para o avanço do conhecimento acerca do universo cultural formado pelos praticantes do skate. Isso porque o skate não constitui apenas um “esporte radical”, pois se estrutura a partir de códigos que particularizam seus praticantes. Grande parte dos estudos sobre a prática do skate no Brasil estão focados a partir de considerações sobre seus aspectos como prática física e esportiva, dentro da ótica da Educação Física. Este trabalho, portanto, tenta lançar um olhar para outra direção. Como metodologia, trabalho mediante uma perspectiva predominantemente qualitativa que se desdobrou em procedimento e técnicas como pesquisa bibliográfica, exploração de campo etnográfica (observação participante, captura de imagens fotográficas e entrevistas semiestruturadas) junto aos praticantes de skate da Praça Franklin Roosevelt. As entrevistas mostraram padrões de respostas de três temas principais, sendo eles: códigos de linguagem dos praticantes do skate, compreensões sobre a prática, e o grupo como ponto de unidade. Os skatistas possuem gírias e expressões específicas que derivam da combinação urbana. Além dos aspectos linguísticos os resultados expuseram outros elementos constitutivos. Para os skatistas a prática do skate é um estilo de vida. Suas vivências, amizades e relações com a cidade, fazem com que o skate não seja apenas uma prática física ou um esporte. Conforme os praticantes, é peculiar da prática skatista a relação de grupo. Para eles é preferível estarem acompanhados em uma sessão a praticarem sozinhos.

**Palavras-Chave:** Skate. Sociabilidade. Cultura. Praça Rossevelt

## RESUMEN

A través de preguntas sobre la interpretación del skate como cultura, este artículo analiza la práctica del skate como cultura. Definimos como objetivo principal de este estudio el análisis de las relaciones de sociabilidad entre los practicantes del skate en la Plaza Franklin Roosevelt. Este campo de estudios tiene algunas lagunas oscuridades que pueden aclararse mejor para el avance del conocimiento sobre el universo cultural formado por los practicantes del skate. Por qué el skate no es sólo un "deporte extremo"? Como se estructuran los códigos que distinguen a sus practicantes? La mayoría de los estudios sobre la práctica del skate en Brasil se centra en consideraciones sobre la práctica física y deportiva, dentro de la perspectiva de la educación física. Trabajamos a través de una perspectiva predominantemente cualitativa. La metodología que se desarrolló fue pensada bajo las siguientes técnicas y procedimientos: a) investigación bibliográfica; b) exploración de campo entre los practicantes del skate en la Plaza Franklin Roosevelt; c) encuesta semiestructurada con seis grupos de practicantes. Las encuestas mostraron patrones de respuestas de tres temas principales: comprensión acerca del skate, códigos de lenguaje utilizados por los practicantes, y el grupo como una unidad. Los practicantes del skate tienen expresiones específicas y utilizan una jerga que los distingue. Además de los aspectos lingüísticos, los resultados expusieron otros elementos constitutivos de la práctica del skate. Para los practicantes, el skate es una forma de vida. Sus experiencias, amistades y relaciones con el espacio urbano hacen del skate mucho más que una práctica física o deportiva. Algo peculiar a los practicantes es la dimensión del grupo. Para ellos, es preferible estar acompañado a practicar de forma aislada.

**Palabras-Clave:** Skate. Sociabilidad. Cultura. Praça Roosevelt.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE SKATE.....</b>	<b>17</b>
<b>4.1</b>	<b>O início do skate.....</b>	<b>17</b>
<b>4.2</b>	<b>O skate no Brasil.....</b>	<b>19</b>
<b>5</b>	<b>SOBRE SOCIABILIDADE.....</b>	<b>21</b>
<b>6</b>	<b>SKATE, IDENTIDADE E ESTILO DE VIDA.....</b>	<b>23</b>
<b>7</b>	<b>RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE ENTRE OS SKATISTAS NA PRAÇA ROOSEVELT.....</b>	<b>26</b>
<b>7.1</b>	<b>A linguagem dos skatistas.....</b>	<b>28</b>
<b>7.2</b>	<b>Compreensões sobre a prática.....</b>	<b>32</b>
<b>7.3</b>	<b>O grupo como ponto de unidade.....</b>	<b>37</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
	<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>45</b>
	<b>PRANCHAS.....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O skate ou *skateboarding*<sup>1</sup> é uma prática corporal. As pessoas praticantes de skate são nomeadas skatistas. O skate pode ser interpretado como um estilo de vida, um exercício de ressignificação dos espaços da cidade ou como um esporte, dentre outras interpretações possíveis. A partir de questionamentos sobre a interpretação do skate enquanto prática cultural, neste artigo analiso a prática do skate e as relações de sociabilidade entre seus praticantes junto à praça Franklin Roosevelt, na cidade de São Paulo-SP. A sociabilidade está relacionada aos modos com os quais os indivíduos se relacionam em sociedade, quando as pessoas compartilham interesses em comum, emoções, gostos, com outro alguém. Nesse sentido, é possível afirmar que códigos culturais podem ser compartilhados e criados entre pessoas em processo de interação e sociabilidade.

A prática de skate depende de uma relação entre o skatista e um objeto nomeado também de skate. O objeto skate é composto por uma prancha de madeira com lixa, dois eixos (também conhecidos como truck), oito rolamentos e quatro rodas. O skatista utiliza o objeto skate para realizar acrobacias (manobras) no chão ou em obstáculos criados especificamente para esta prática. Quando a prática de skate iniciou, havia apenas acrobacias realizadas no chão liso, ruas, e também em equipamentos públicos da cidade. Com o tempo, a prática do skate ganhou novas formas e obstáculos, surgindo assim as chamadas modalidades para prática de skate.

*Bowl*, skate de rua, vertical, *freestyle*, *downhill*, são alguns exemplos de modalidades. A prática inicial e mais popular é o skate de rua, que, além das ruas, é praticado também nas praças e espaços das cidades que os skatistas imaginem e considerem possíveis para a realização de manobras. As relações do skate na cidade com os usos culturais de espaços urbanos foram se alterando, criando e refletindo novas maneiras de ver, pensar, e significar a cidade para os skatistas.

A praça Franklin Roosevelt, conhecida como praça Roosevelt, está situada na cidade de São Paulo entre as ruas Consolação e Augusta, na região central da

---

<sup>1</sup> Skateboarding é uma expressão do inglês. No início da prática no Brasil o skate foi nomeado de esqueite (que é a expressão criada para o português), mas essa alcunha não costuma ser usada. Sendo o termo em inglês 'Skate' adotado como o nome correto e mais utilizado no português. Tanto esqueite ou skate constam em dicionários de português e são reconhecidas no vocabulário ortográfico da Academia Brasileira de Letras. Para esse artigo decidi usar a palavra skate por ser a que seus praticantes usam.

cidade. Construída na década de 1960, a praça Roosevelt ficou, após alguns anos de sua criação, abandonada e degradada. O motivo do abandono foi a crítica por parte da população, por ter muita área de concreto, pouca arborização e poucas áreas verdes. Com o tempo, passou a ser um local muito frequentado por grupos marginalizados, traficantes e pessoas em situação de rua. Desde 1980, os skatistas tornaram-se frequentadores da praça, pois, para eles, a arquitetura era apropriada para a prática de skate. Antes de 2012, a praça passou por algumas reformas, porém nada efetivo. Então, em 2012, a praça foi revitalizada por completo, e a população começou a utilizar a praça. Atualmente, é possível encontrar uma grande diversidade de grupos culturais no local e em seu entorno existem diversos comércios e empreendimentos de arte, lazer e cultura.

A praça Roosevelt possui uma forte ligação com a história do skate na cidade de São Paulo. Por estar localizada no centro de São Paulo, a praça é um dos principais locais de encontro de skatistas praticantes de skate de rua. No ano de 2012, quando a praça foi revitalizada, houve diversas discussões entre a população moradora local e os skatistas. Os moradores do entorno da praça pediam que os skatistas saíssem da praça alegando que estavam destruindo e deteriorando o patrimônio público. E os skatistas argumentavam que não poderiam sair porque sempre utilizaram a praça, mesmo quando os moradores a abandonaram. A solução encontrada pelo poder público para solucionar o problema entre população local e skatistas foi criar uma área da praça específica destinada para a prática do skate.

O objeto de estudo deste trabalho foram as relações de sociabilidade vividas por praticantes de skate e, a partir destas relações, o olhar para a esfera simbólica por eles produzida no que se refere ao manejo de seus códigos constitutivos. A partir deste objeto de estudo, definindo como objetivo principal deste trabalho analisar as relações de sociabilidade entre praticantes de skate da Praça Roosevelt. No que se refere aos objetivos específicos, verifiquei os códigos culturais que os praticantes de skate têm em comum, investiguei aspectos de estilos de vida dos praticantes de skate e identifiquei como os skatistas se relacionam durante a prática a partir de registros etnográficos.

## 2 JUSTIFICATIVA

Durante minha trajetória de estudos na graduação, sempre chamaram minha atenção as discussões voltadas para o diálogo entre a cultura, a identidade, as sociabilidades e o espaço urbano, bem como os debates acerca do reconhecimento e da valorização das culturas, haja vista o que elas carregam de singular e de revelador acerca do modo como os indivíduos criam sentidos para o seu existir. No meu entendimento, de acordo com o exposto acima, abre-se uma área bastante profícua para o desenvolvimento deste trabalho, que tem como tema a prática do skate e suas nuances culturais.

Em meu percurso de estudos na graduação, já tive a oportunidade de uma aproximação com este campo temático no componente curricular de Metodologia da Pesquisa, ocasião em que pude desenvolver um projeto intitulado “Levantamento dos espaços públicos em Jaguarão/RS para a prática do skate de rua, através do olhar fotográfico”. Além disso, em outros componentes curriculares, propus trabalhos com intervenções, projetos e vídeos direcionados às dificuldades encontradas para a prática do skate e à falta de incentivo e visibilidade do skate praticado por mulheres. Também atuei em projetos de desenvolvimento acadêmico com fotografia e imagem. Quando fui bolsista do Núcleo de Inclusão e Acessibilidade (NINA) do Câmpus Jaguarão, construí, com a equipe do núcleo, o projeto de ensino “Oficina de fotografia digital para acadêmicos com necessidades especiais”.

Isso demonstra, juntamente com meu interesse pelo universo do skate, meu envolvimento com o campo da imagem e da fotografia. Considerando que, durante o curso de Produção e Política Cultural, mantive o universo do skate como meu principal interesse e campo de estudo, juntamente com minhas práticas fotográficas. O campo de estudos em que me dirigi ainda apresenta algumas lacunas que podem ser melhor esclarecidas para o avanço do conhecimento acerca do universo cultural formado pelos praticantes do skate. Isso porque o skate não constitui apenas um “esporte radical”, pois se estrutura a partir de códigos que particularizam seus praticantes dentro de um universo cultural.

O estudo sobre a prática do skate, dentro de suas referências culturais no Brasil, difere bastante da forma como é praticado em outros países. Há que se ressaltar também que grande parte dos estudos sobre a prática do skate estão focados a partir de considerações sobre seus aspectos como prática física e esportiva,

dentro da ótica da Educação Física. O olhar para o objeto de estudo acima definido pode ser relevante como forma de se obter melhores condições (dentro de uma proposta de teor qualitativo, focada nas imagens, nos símbolos, nos códigos de pertencimento, etc.) de lidar com o problema do reconhecimento do âmbito cultural que envolve a prática do skate.

Desde uma perspectiva midiática (festivais de música, campeonatos e eventos divulgados pela televisão, por exemplo), as pessoas que acompanham o universo da prática do skate estão podendo entendê-lo melhor e com menos distorções. A prática do skate acabou por gerar conteúdos que, com frequência, são assimilados e disseminados pela mídia gerando material para a televisão, as revistas especializadas, o cinema, a moda, etc.

A relação do skate com as mídias está predominantemente nas mídias visuais, que geralmente mostram o esporte, a prática física de skate. Atualmente, acompanho em algumas mídias o esforço por mostrar que o skate está além de uma prática física ou esportiva, já que ele se constitui também como um estilo de vida. Observo que existem poucos trabalhos acadêmicos que tratem de estudar o skate dentro de referências culturais. Através dessas observações, estou motivado a reunir meus interesses por skate e fotografia. Portanto, justifico minha opção em abordar este campo temático devido à prática do skate não ser somente, no meu entendimento, uma prática esportiva, mas por entender que seus praticantes produzem e compartilham códigos simbólicos em comum, o que pode ser abordado sob a ótica da dinâmica cultural dos indivíduos e grupos que participam do universo do skate.

### 3 METODOLOGIA

A orientação qualitativa desta investigação exigiu que fosse considerada a crítica, muitas vezes oriunda das abordagens quantitativas, para as quais a investigação qualitativa carece de objetividade e “cientificidade”. Goldenberg (2004, p. 45) defende que as abordagens quantitativas também não estão imunes a certos procedimentos que fogem de um controle total por parte do investigador, pois, segundo esta autora,

a simples escolha de um objeto já significa um julgamento de valor na medida em que ele é privilegiado como mais significativo entre tantos outros sujeitos à pesquisa. O contexto da pesquisa, a orientação teórica, o momento sócio-histórico, a personalidade do pesquisador, o *ethos* do pesquisado, influenciam o resultado da pesquisa. Quanto mais o pesquisador tem consciência de suas preferências pessoais mais é capaz de evitar o *bias*, muito mais do que aquele que trabalha com a ilusão de ser orientado apenas por considerações científicas

No que se refere aos procedimentos metodológicos, há que se ressaltar as inúmeras possibilidades de que se dispõe para a execução de um trabalho acadêmico. Prodanov e Freitas (2013, p. 26) ensinam que, “por método podemos entender o caminho, a forma, o modo de pensamento. É a forma de abordagem em nível de abstração dos fenômenos. É o conjunto de processos ou operações mentais empregados na pesquisa.” Ainda de acordo com os autores, os métodos são fundamentais na operacionalização do trabalho científico, pois eles

esclarecem os procedimentos lógicos que deverão ser seguidos no processo de investigação científica dos fatos da natureza e da sociedade. São, pois, desenvolvidos a partir de elevado grau de abstração, que possibilitam ao pesquisador decidir acerca do alcance de sua investigação, das regras de explicação dos fatos e da validade de suas generalizações. (PRODANOV e FREITAS, 2013, p.26).

Para os fins desta pesquisa, considerando o que já foi exposto, trabalhei mediante uma perspectiva predominantemente qualitativa que se desdobrou nas seguintes técnicas e procedimentos: a) pesquisa bibliográfica para mobilização de dados teóricos acerca da história do skate e de seu desenvolvimento, bem como acerca do tema da sociabilidade e da construção identitária que envolve seus participantes; b) exploração de campo junto aos praticantes de skate da Praça Franklin Roosevelt, localizada na cidade de São Paulo-SP, com a intenção de analisar *in loco* alguns aspectos constitutivos de sua sociabilidade; c) entrevistas

semiestruturadas com 6 (seis) grupos de praticantes; d) registro fotográfico mediante os princípios da fotoetnografia, também para uma melhor compreensão das referências visuais que envolvem a prática do skate.

Para George Gaskell “o grupo é antes mais como uma novela, uma perspectiva sobre a vida cotidiana mostrada apenas quando se assiste a todo o programa e não apenas pela contribuição de um único ator” (GASKELL, 2002, p. 77). Assim, fazer entrevistas com grupos possibilita termos informações e dados pertinentes ao contexto social de grupos investigados. Para este autor, a entrevista em grupo também contribui para verificarmos os critérios de consensos entre os entrevistados e suas formas de lidar com as divergências acerca de um campo temático (GASKELL, 2002). As entrevistas com os grupos de praticantes auxiliaram para uma melhor discussão e compreensão das motivações acerca da prática de skate e de seu universo cultural.

Os grupos selecionados para as entrevistas foram de skatistas que estavam praticando na Praça Roosevelt, antes ou após suas execuções de manobras de skate. Os critérios de escolha foram aplicados através das observações de grupos. Desta forma, busquei entrevistar grupos de skatistas que já estavam falando sobre skate ou que já haviam manifestado elementos particulares da sociabilidade ou estilo de vida. Com o intuito de não atrapalhar e aproveitar o momento da prática para as observações, optei por entrevistar skatistas que não estavam exercendo a prática física de skate. Não foi um critério de seleção fazer análises, observações e entrevistas somente com praticantes do gênero masculino. Ocorre que praticantes do gênero feminino são em número mais reduzido. Neste caso, havia poucos grupos com integrantes do gênero feminino, e estes poucos grupos tinham uma mobilidade muito grande, permaneciam pouco tempo na praça e logo se dispersavam.

A fotoetnografia, conforme Boni e Moreschi (2007) é uma nova possibilidade de se trabalhar com o registro de grupos culturais, está intimamente conectada a forma de pesquisa da antropologia visual que auxilia no registro das sociedades e culturas. Para se trabalhar com a fotoetnografia, segundo Boni e Moreschi (2007), a mesma deve ser realizada por uma pessoa que possui domínio sobre o equipamento fotográfico, pois há uma preocupação na captação da imagem e o fotógrafo deve ser detentor de conhecimentos básicos sobre etnografia e antropologia. As narrativas expostas nas fotografias devem ser de fácil entendimento, para que este método enalteça a pesquisa que está sendo efetuada. A fotografia foi

uma ferramenta que contribuiu muito para a realização desta pesquisa. Ressalto, contudo, que este trabalho não é uma “fotoetnografia” num sentido estrito, mas um exercício investigativo que lançou mão deste recurso metodológico como forma de um melhor entendimento acerca das nuances culturais em torno do skate.



## 4 APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE SKATE

### 4.1 O início do skate

O historiador Leonardo Brandão, em sua Tese de Doutorado (2012), discorre sobre a origem dos esportes radicais trazendo a visão do historiador Georges Vigarello para dizer que muitas das atividades dadas hoje como “esportes radicais” foram criadas em práticas juvenis à margem dos esportes tradicionais (de criação inglesa) para reclamar sua autonomia diante normatividades e regras estabelecidas pela sociedade para a juventude. Brandão (2012) destaca que as práticas corporais que reclamavam autonomia estavam à margem dos esportes tradicionais e foram com o passar do tempo incorporadas por uma esfera esportiva mais hegemônica. A criação do termo “esportes radicais” é relacionada à domesticação que foi feita.

No momento em que os esportes tradicionais colocam essas práticas corporais que estavam à margem em uma categoria denominada esportes radicais, sujeitando essas práticas à adaptação esportiva, ensinando e moldando os praticantes para exercerem suas atividades cada vez mais próximos das práticas de esportes tradicionais, é feita a domesticação. Vale ressaltar que “esportes radicais” é uma das expressões mais usadas para designar esportes como rafting, snowboard, surf, skate, bike, rapel, bungee jump, wind surf, roller, vôo livre, trekking e wakeboard, havendo outras nomenclaturas como esportes naturais, esportes de aventura, esportes extremos, esportes californianos, dentre outros nomes possíveis para nos referirmos a essas práticas esportivas (BRANDÃO, 2012). O autor Leonardo Brandão (2012) ainda pondera sobre o processo de esportivização pelo qual essas práticas estão passando, considerando a necessidade de categorizá-las e classificá-las, num trabalho que vem sendo realizado especialmente por profissionais da Educação Física.

Dentre as atividades entendidas como “esportes radicais”, Brandão (2012) diz que o skate é a atividade mais visualizada atualmente e propõe que se avalie também a história do skate no Brasil. O skate tem sua origem polêmica, entendido como um esporte californiano por diversas fontes; para além do fato de poder integrar uma esfera esportiva, o skate é considerado também uma manifestação cultural de massa, muito explorada pela indústria cultural. Para Nuno Menezes (2010), não se sabe a origem do skateboarding com exatidão, mas pode-se tratá-la, a partir do século

XX, como uma prática nascida no estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Para este autor a construção material do objeto skate também é controversa. Há especulações que a primeira visão que se teve do objeto, feito para locomoção, foi em 3000 a.C, com ossos de animais e pedaços de madeiras e há outros apontamentos sobre o surgimento ter se dado gradualmente a partir dos patins e do snowboard, que surgiram para locomoção e mobilidade.

Menezes (2010) discorre sobre o surgimento do skate a partir da criação do norte-americano “Doc Ball”, que, em 1918, desmontou patins para colocar as rodas em uma madeira com o molde de uma prancha de surf menor, colocou um joelho apoiado na prancha e se impulsionou com a outra perna, sugerindo o que hoje é o skate. Segundo Menezes, em meados dos anos 1950, na Califórnia, aparecem alterações nas estruturas físicas dos skates, o que permite mais criações e usos para o objeto. A ligação entre o skate e o surf passa a ser muito forte, mas o skate aos poucos começa a ganhar o asfalto como uma possibilidade. O surf determinou – e ainda determina – muito sobre as manobras, o vestuário, a cultura e o estilo de vida em torno do skate.

A difusão do skate californiano pelo mundo está bastante ligada às percepções sobre o espaço público, ao lazer, à formação de sociabilidades entre grupos de praticantes, às mídias, à industrialização e à ideia de qualidade de vida. Para Menezes (2010), é através destas evidências que podemos concluir que o skate é um produto globalizado.

Menezes ainda elucida que, a partir de 1963, o skate de rua surge com força, utilizando os espaços públicos como seu ambiente original de prática. Assim, o skate de rua se constituirá como um dos aspectos fundamentais em torno desta prática, o que levará também a uma vinculação do skate com conflitos sociais e delinquência. Menezes (2010) descreve que, entre 1963 e 1964, houve no estado da Califórnia um grande momento de falta de água, o que obrigou muitos moradores a esvaziarem suas piscinas. Este momento será marcado, na história do skate, pela apropriação que se fez das estruturas das piscinas vazias e que levou às práticas nomeadas atualmente como Bowl Skate e Vertical Skate. A utilização das piscinas, na época, em geral não era autorizada, o que levou os skatistas a serem relacionados à marginalização.

A partir de 1965, na Califórnia, começaram os patrocínios para a prática do skate, competições internacionais, viagens internacionais para divulgação da prática,

lançamentos dos primeiros filmes e das primeiras revistas especializadas em skate. Para Nuno Menezes (2010, p. 26) “estes elementos aumentaram a propagação da prática de skate fora dos EUA, onde este desporto parece também ganhar uma crescente popularidade.” O autor destaca que, no período entre 1963 e 1965, “foram produzidos e vendidos (...) mais de cinquenta milhões de skates”.

A difusão do skate no mundo também revelou, concomitantemente, sua fragilidade devido à quantidade de acidentes que o esporte produzia e as preocupações com a falta de segurança do objeto skate. Em 1970 ocorrem novas mudanças na estrutura física do objeto skate, o que possibilitará mais segurança aos skatistas, como a estabilidade das rodas de uretano e a fabricação de trucks específicos para skate. Com essas mudanças, o skate tem um novo momento de propagação e adesão, onde as produções culturais e industriais acerca da atividade evoluem muito, trazendo variedade em todas as esferas, incluindo a do design de estrutura do skate (MENEZES, 2010). Segundo Leonardo Brandão (2012), nos EUA, em 2009, a *National Sporting Goods Association* afirmou que houve um crescimento de 74,1% no número de praticantes de skate desde 1998; já no Brasil, o Instituto Datafolha afirmou que, no ano de 2002, havia 2,7 milhões de skatistas, e em 2010 este número já havia passado dos 3,8 milhões, o que nos leva a conhecer a adesão constante feita no Brasil.

## **4.2 O skate no Brasil**

Alguns pesquisadores da história do skate, como Tony Honorato (2004) e Leonardo Brandão (2012) afirmam que a prática do skate, com seu repertório de significados socioculturais, pareceu no Brasil em meados da década de 1960. Para Honorato (2004), a história do skate no Brasil pode ter começado “com uma galera que estava começando a surfar por aqui, influenciada pelos anúncios na revista *Surfer*”. Honorato (2004) elucida que não há uma exatidão temporal quanto ao surgimento do skate no Brasil, pois há muitas polêmicas e debate acerca deste tema, muitos deles desconhecidos. Há, inclusive, pouca documentação sobre a origem do skate no Brasil, e há quem afirme que a prática poderia ter surgido na Urca, no Rio de Janeiro, em 1964.

Em pesquisa sobre a maior fase de disseminação e apropriação do skate no Brasil, a chamada “febre”, encontrei relatos de Leonardo Brandão (2012) de que

essa fase foi na década de 1970, revelando um grande contingente de praticantes. Nos relatos do educador físico Ricardo Uvinha (2001) encontrei informações de que, no Brasil, houve um enraizamento do skate no final da década de 1980, o que nos mostra o quanto a história do skate possui polêmicas e questões históricas para discussões. A Confederação Brasileira de Skate (CBSK) concorda em fixar o surgimento do skate no Brasil na década de 1960, em consonância com as pesquisas de Honorato e Brandão.

Fontes mostram que o skate pode ter aparecido primeiramente no Rio de Janeiro, através de surfistas que apreciavam a revista *Surfer*, a qual continha conteúdos sobre o surf ao redor do mundo e algumas matérias que foram dedicadas ao surgimento de uma nova modalidade, nos Estados Unidos, que ficou conhecida como *sidewalk* (surf de calçada) e depois passou a se chamar skate. No Brasil, Cesar Chaves (conhecido como Cesinha Chaves), um dos primeiros skatistas do país, conta sua história com o skate para o site Total Idade. Ele afirma ter começado a praticar o skate em 1968, no Rio de Janeiro. Leonardo Brandão assegura que a cultura do skate teve predominância no Rio de Janeiro sobre os outros estados brasileiros de 1960 a 1970. Cesinha Chaves destaca que a prática de skate era conhecida como “surfinho” e que, posteriormente, passou a se chamar esquite (como se escreve em português); após algum tempo, absorveu-se a grafia e a pronúncia skate, que se tornou universal.

## 5 SOBRE SOCIABILIDADE

A compreensão acerca da sociabilidade, nos domínios deste trabalho, toma como referência as concepções de Georg Simmel. A perspectiva de Simmel (2006, p. 64) trata da sociabilidade como um “exercício livre de todos os conteúdos materiais”. Para entendermos o que Simmel diz sobre a sociabilidade, é necessário assimilar os termos “sociação” e “sociedade”. Simmel (2006) diz que a “sociedade” se faz a partir das relações entre pessoas que possuem interesses em comum. Isso se dá através dos “impulsos ou da busca de certas finalidades, como os instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros.” (Simmel, 2006, p. 59-60).

Tais relações apontadas pelo autor fazem com que os sujeitos se relacionem com outros sujeitos e experienciem uma relação de convívio. Moldando as formas de comportamento dos sujeitos para com outros sujeitos, essas relações baseadas nos “impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente, uma sociedade” (Simmel, 2006, p. 59-60). Simmel define que as relações baseadas em impulsos e finalidades, com interesses individuais e com interesses que afetam outros sujeitos, causam efeitos ou recebem efeitos proporcionados por outros. Esses sujeitos e suas relações em comum são a matéria da “sociação.” (Simmel, 2006, p. 59-60). Para Simmel (2006, p. 60-61), a “sociação” é

a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideias, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela casualidade ou teleologicamente determinados -, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam.

Para desenvolver suas ideias acerca da “sociedade” e da “sociação”, Simmel aborda os conceitos de forma e conteúdo. O conteúdo é caracterizado pelo autor como as individualidades, as necessidades, os objetivos e as emoções dos sujeitos. A partir de sua inserção numa esfera de interação social, os sujeitos causam efeitos de seus conteúdos nos outros, ou, ainda, recebem esses efeitos das individualidades dos outros. A forma, no entendimento de Simmel, se caracteriza pelo modo “como” dispomos dessas individualidades, que, conseqüentemente, nos fazem interagir com o outro através da socialização. Conforme esclarece Lopes (2013), para Simmel a sociedade é pensada a partir da relação entre forma e conteúdo. Estes dois

elementos serão complementos quando ocorrer a “interação”, que pode ser entendida como o resultado da sociação de indivíduos que sustentam um projeto comum.

Para os fins desta proposta de investigação, a sociabilidade pode ser compreendida como um momento de encontro entre os participantes (neste caso, os praticantes do skate) que desenvolvem uma forma de interação que, segundo Simmel (2006, p. 64) “coloca de lado as motivações concretas ligadas à delimitação de finalidades da vida; a forma pura, a inter-relação interativa dos indivíduos, precisa ser acentuada com o máximo de força e eficácia.” De acordo com Da Rolt (2008, p. 56), a sociabilidade, na perspectiva de Simmel, “evoca uma espécie de forma social específica, cuja pertença ao âmbito da interação é dada por fatores que precisam acentuar a fusão dos participantes, de forma homogênea, diante de um determinado contexto.” Ainda de acordo com Da Rolt (2008, p. 56), “sociabilidade é, portanto, interação. E na condição de uma forma interativa, a sociabilidade cria as condições de manutenção das relações e das trocas simbólicas entre participantes imersos em tal forma social.”

Assim, a intenção em abordar o conceito de sociabilidade, para os fins deste trabalho, vai ao encontro da possibilidade de entender a dinâmica interacional dos praticantes do skate diante da construção de uma “forma social” por eles criada no espaço onde se dá a prática.

## 6 SKATE, IDENTIDADE E ESTILO DE VIDA

É possível mencionar que os praticantes de skate acabam por formar um grupo cheio de particularidades identitárias, estéticas e sociais. Para abordar o tema da identidade relaciono os autores Anthony Giddens (2001) e Denys Cuche (2002) porque os dois discorrem sobre o conceito de identidade. Para Anthony Giddens (2001), a definição de identidade na sociologia é multifacetada, sendo discutida de diversas formas. Conforme o autor, a identidade está ligada ao ponto de vista dos indivíduos sobre quem eles são e sobre o que é significativo para eles. O ponto de vista é construído nas formações de sentidos, onde desempenham-se certos predicados prioritários em relação a outros. Conforme Anthony Giddens, os sociólogos aludem a identidade em dois tipos: identidade pessoal e social. Minuciosamente estes tipos são diferentes, mas elas estão intimamente ligadas, o autor elucida:

As identidades sociais implicam, então, uma dimensão colectiva, estabelecendo as formas pelas quais os indivíduos se «assemelham» uns aos outros. As identidades partilhadas - decorrentes de um conjunto de objectivos, valores e experiências comuns podem constituir um importante ponto de partida para movimentos sociais. Feministas, ambientalistas, sindicalistas, fundamentalistas religiosos e/ou nacionalistas são exemplos de casos em que uma identidade social comum é construída como uma fonte importante de sentido. (GIDDENS, 2001. p. 29-30)

Sendo importante para este trabalho entendermos a identidade social, notei que Denys Cuche (2002) aclara que a identidade social está conectada ao sujeito pessoal, mas que é genuinamente ligada ao entendimento coletivo. Segundo Anthony Giddens (2001) as situações culturais às quais nos desenvolvemos influenciam nossa conduta. Denys Cuche diz que isso advém das construções sociais que são feitas, explanando:

A construção social se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais. (CUCHE, 2002.p.182)

Através dessa construção social e das possíveis formas de identidade no mundo onde “os sinais tradicionais se tornaram menos determinantes, o mundo social confronta-nos com um estonteante leque de escolhas acerca de quem devemos ser, como viver e o que fazer”, hoje fazemos nossas escolhas, determinamos o que

queremos ser, vestir, como agir, podemos definir o que queremos e como queremos ser a partir das diversas possibilidades (GIDDENS, 2001. p. 30).

Relacionando identidade com skate, Giuslaine Dias (2011) afirma que existem particularidades nos processos de construções das identidades dos skatistas, que se fazem a partir da sociabilidade:

Dada as especificidades que a prática do skate incute nos processos de construção das identidades e identificações de determinados jovens, é possível dizer que eles são agenciadores de ações, portadores de valores, símbolos e significados específicos adquiridos a partir de vivências e representações nos contextos urbanos (DIAS, 2011, p.54).

A autora (2011) explica que, quando são feitas relações do skate com a cultura, a identidade dos skatistas é vinculada, comumente, às culturas juvenis ou segmentos juvenis urbanos. Porém, o que realmente torna o skate vinculado às culturas juvenis são as identificações dos skatistas com os espaços juvenis, os movimentos juvenis e os estilos juvenis. Mas, que tem discursos próprios dos skatistas que demarcam suas singularidades por representarem uma relação cultural diferenciada com os espaços urbanos. Ela também elucida que através destes discursos sobre identidade e identificação de skatistas percebe as formas como eles se expõem. Desta forma, Gislaine Dias (2011) associa culturas juvenis e estilos de vida a partir da compreensão de culturas juvenis de Stuart Hall. Segundo a autora:

Stuart Hall (2001) nos explica que as culturas juvenis se referem às formas em que as experiências juvenis se expressam de maneira coletiva, através de estilos de vida distintivos (DIAS, 2011, p.122).

Pierre Bourdieu esclarece que estilos de vida conectam-se às assimilações e ocupações simbólicas e materiais das práticas, que são classificadas ou classificadoras. Estas apropriações de práticas ou objetos são modelos generativos (que norteiam e definem seleções estéticas) das origens dos estilos de vida (BOURDIEU, 1983). Segundo o autor:

O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hélix* corporal, a mesma intenção expressiva, princípio *da unidade de estilo* (BOURDIEU, 1983. p. 83).

As unidades dos estilos de vida são compostas por gostos classificados. Conforme Pierre Bourdieu, são demarcados, além das apropriações (figuradas ou



físicas), pelas preferências características que os diferenciam exprimindo nexos específicos de cada um dos subespaços simbólicos (Pierre Bourdieu, 1983, p.83).

## **7 RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE ENTRE OS SKATISTAS DA PRAÇA ROSSEVELT**

A primeira vez que fui à Praça Franklin Roosevelt, na cidade de São Paulo, para cumprir os objetivos deste trabalho, percebi que havia skatistas por todos os espaços. Havia skatistas (reunidos ou não, comendo, bebendo, conversando, outros praticando skate, com suas mulheres e filhos ou com amigos descansando - ver prancha 1 e 2, figura 1, 2, 3 e 4) no entorno da praça, na área construída especificamente para a prática de skate, nas lanchonetes, e havia skatistas utilizando os equipamentos urbanos (bancos, escadas ou gramados).

Frequentei a Praça Roosevelt durante um mês. Neste período busquei ir nos diferentes dias da semana, fazendo observações, entrevistas e interações nos períodos manhã, tarde e noite. Não frequentei a praça durante a madrugada. Constatei que em todos os horários e dias havia muitos skatistas visivelmente por toda a praça, praticando skate ou não. Durante o período noturno detectei um aumento do número de skatistas. Percebi que, durante os dias úteis da semana, em horários mais iniciais do período da manhã (antes das nove horas e trinta minutos, 9h30min) havia visivelmente menos skatistas praticando, cerca de dez (10) a quinze (15) skatistas. Na tarde o número aumentava para de vinte (20) a vinte e cinco (25) praticantes. Números variantes por conta da mobilidade constante, alguns passavam pela praça e praticavam um pouco e caminhavam para outros locais da cidade.

No período noturno havia mais de trinta (30) praticantes de skate na praça, em uma ocasião. E a praça, aos finais de semana, em todos os períodos (exceto madrugada, à qual não observei), ficava repleta de skatistas, com números muito maiores de praticantes. Em um momento, durante o primeiro final de semana de pesquisa, contei cerca de cinquenta (50) praticantes de skate em toda a extensão da praça, no período da tarde. Em todos os momentos e períodos observados detectei que os skatistas utilizavam principalmente os espaços que não haviam sido planejados para a prática do skate (ver prancha 3, 4 e 5, figura 5, 6, 7 e 8) e usavam pouco o espaço dedicado à prática. Os espaços da praça que não são dedicados ao skate possuem placas de proibição da prática de skate, patins e bicicleta para manobras. Nestes espaços proibidos sempre existem praticantes manobrando bicicletas, patins e skates.

Notei que os skatistas sempre estavam em grupos. Alguns chegavam sozinhos e mesmo sem conhecer pessoas ali acabavam criando contatos e adicionando-se aos grupos. Neste um mês de observação, houve duas semanas que reparei que havia um skatista que frequentava a praça todos os dias e em cada dia ele estava com um grupo diferente. Registrei que ele sempre chegava sozinho e aos poucos se aproximava de algum grupo. Ele permanecia no grupo até o final do dia demonstrando um bom relacionamento. Em diálogo com este skatista constatei que este gostava de fazer novas amizades sempre que possível.

Alguns skatistas sociabilizavam com grupos diversos, não somente com grupos de praticantes de skate. Porém busquei priorizar as entrevistas com grupos de praticantes. Constatei que em suas conversas os grupos compostos por praticantes de skate traziam elementos do dia-a-dia, relacionados ao skate e às experiências particulares a este universo. A maioria dos diálogos contemplava discursos sobre vídeos de skate, fotos de skate, o cotidiano na cidade, manobras de skate, músicas e sobre visões de mundo. Observei também que os skatistas que chegavam, sempre buscavam cumprimentar todo o grupo com o qual se integraria. Mesmo que não conhecessem todos que estavam no espaço do grupo.

Foram realizadas seis entrevistas com grupos de skatistas. Cada grupo possuía de três a sete skatistas. Ao todo foram entrevistados dezenove (19) skatistas. Os entrevistados dos grupos 2, 3 e 6 possuem entre 15 e 20 anos de idade, os entrevistados dos grupos 1, 4 e 5, de 20 a 35 anos de idade. Os integrantes dos grupos 2, 3, 4, 5 e 7 são residentes na cidade de São Paulo e já praticam skate num período que vai de 3 há 8 anos. Os skatistas do grupo 1 são residentes em diversos estados (conforme aparecerá na análise das entrevistas) e já praticam por um período que vai de 7 há 25 anos. Os nomes dos entrevistados foram trocados por letras do alfabeto para manter o sigilo. Seguindo critérios de escolha conforme definido em metodologia, os skatistas entrevistados estiveram em dias diferentes na praça. Nesta disposição das entrevistas, colocarei cada grupo identificado por números de um a seis e cada informante de cada grupo será nomeado com letras. Por exemplo: Grupo 1, informantes "A", "B", "C" e "D". Destaquei os padrões de respostas, exibindo algumas transcrições feitas. Em análise de conteúdo das entrevistas, separei três temas ou categorias principais para exibição de respostas: a) expressões linguísticas do skate; b) compreensões sobre a prática e c) o grupo como ponto de unidade. Estes

tópicos mereceram destaque por terem se tornado recorrentes e mais presentes nas respostas.

### 7.1 A linguagem dos skatistas

Durante minhas observações na praça, verifiquei que skatistas possuem códigos linguísticos específicos para determinar e ressignificar o sentido de alguns objetos e também para se referirem a aspectos singulares. Há expressões que servem inclusive para compreensão das diversidades dos grupos. Desta forma, questionei os entrevistados quais eram as gírias, expressões e seus significados. Quais eram as mais pronunciadas por eles que seriam facilmente compreendidas por outros skatistas, mas que não fossem de fácil compreensão para pessoas que não praticam skate. Algumas gírias e expressões elucidadas apareceram diversas vezes na entrevista, em outras questões que não tratavam de língua. Porque, segundo alguns entrevistados do Grupo 2 e 3, skatistas utilizam essas expressões e gírias para viver e se comunicar no cotidiano, mas que quando precisam conversar com alguém que não entende tentam usar expressões e falas padrões.

A partir de minhas observações de campo acerca da linguagem dos skatistas e das expressões citadas pelos entrevistados, criei a tabela 1. Esta tabela é essencial para compreensão de alguns códigos constitutivos do universo skatista.

**Tabela 1:** Aspectos da linguagem falada entre praticantes do skate

Gírias/Expressões	Significados
Andar de Skate	Refere-se à prática do skate. Como, por exemplo: “Eu <i>ando de Skate</i> desde criança.”
Bem Chili	Essa é uma expressão usada para definir calma ou bem-estar. Como: “Tudo bem”.
Cabreiro(a)	Expressão usada para um skatista que anda muito bem. Como: “Esse é cabreiro”. Ou usada para definir quando uma manobra muito difícil foi realizada, ou quando uma manobra foi realizada com perfeição. Como: “Essa manobra foi cabreira demais!”

Chumbado	Expressão usada para definir alguém que não possui uma leveza no pé ou não conseguiu aplicar uma manobra por que o skate não saiu do chão. Quando ocorre de quebrar o shape/ tabua do skate o skatista é classificado “pé pesado”, ou seja, chumbado.
Espirrar	Quando o skate escapa do pé e é jogado para longe do praticante.
Galeto	Define a velocidade da prática física.
Gap	Gap é um local para pular, realizando manobras. Uma plataforma, uma superfície, mais alta que o chão.
Kick ou kickão	Usada para definir uma manobra chamada de <i>kickflip 360°</i> que em português também pode ser chamada de 360° flip.
Marreta	É usada para definir um skatista que realiza muitas manobras, manobras de difícil aplicação, manobras aplicadas com perfeição.
Pico	Lugar para pratica. Espaço preparado para andar de skate com equipamentos urbanos da cidade.
Pilaco(a)	Skatista que faz manobras bonitas, que tem estilo. Também pode se relacionar com outras expressões, como: “Pesado”.
Pesado(a)	Essa expressão pode ser usada da mesma forma que “marreta”, “Pilaco”, “Cabreiro”.
Pode pá	Concordância com algo, sim ou está certo ( <i>ok</i> , também). Por exemplo, em um diálogo se um skatista te pergunta se você vai andar de skate e você responde “pode pá” ele já sabe que sim, você irá.
Radiação	Ou Radiando são usadas para definir uma pessoa ou criança que ocupa o espaço e atrapalha a realização de uma manobra. Como: “Esse casal está

	radiando”, ou seja, “Esse casal está atrapalhando”.
Tá na base	Quando o skatista já tem domínio sobre a manobra realizada, ou treinou a manobra até ela ficar certa com poucas chances de erro.
Trick	Palavra da língua inglesa que significa truque ( <i>trick</i> ) para quem fala inglês. Mas no Brasil é usada como sinônimo de manobra. Exemplo: “Você viu a trick (manobra) que ele mandou?”
Encostar	Ir embora, sair do local.
Ir pra goma	Estou indo para casa/residência.
Vivência	Expressão usada para tratar das experiências vividas em um determinado tempo/local, conhecimentos, momentos desfrutados com amigos, momentos de felicidade, histórias.

---

De acordo com José Luís Fiorin (2013), a linguagem é a aptidão explícita da condição humana de se conversar através de signos. O referido autor explica que a comunicação por meio da língua depende de cada comunidade, sendo variante conforme contextos de comunidades, assim “a língua é um sistema de signos específicos aos membros de dada comunidade” (FIORIN, 2013. p. 14). O contexto dos skatistas observados e entrevistados, que forneceram os conteúdos linguísticos expostos na tabela 1, é um contexto urbano do centro da cidade de São Paulo. Skatistas brasileiros podem produzir uma variação linguística singular por misturarem expressões da língua nacional oficial, o português, com a língua universal do skate, que é advinda do inglês, com suas gírias regionais (de cada estado ou cidade). Por exemplo, o significante *Trick* têm produção de significados distintos em lugares diferentes. Os entrevistados afirmaram que as construções das expressões e gírias do skate surgem também das interações com expressões e gírias de outras manifestações culturais. Como por exemplo, skatistas do Grupo 1 destacaram:

(A) Mas o skate puxa muito gíria do RAP. Não só do RAP, mas da cultura de rua. Aí dentro do skate vai ter as gírias, mas assim.... De nome de manobras.

Fala aí: “Kickão”. “Voltar nas quatro”, é voltar com os pés no parafuso das quatro rodas batendo no chão. Mas só skatista vai entender, Tá ligado?! Tipo, o cara fala: “Ó, voltou nas quatro!”, o cara já vai achar que você saiu engatinhando e voltou. (Informação verbal)

(C) Só a gente fala, por exemplo: “O cara deu um halfcab flip nose 270 lá!”, só quem anda de skate sabe. Quem não anda vai falar: “O que você falou?” (Informação verbal)

Conforme o informante (A) do grupo 1, as gírias e expressões de skate podem vir inicialmente de outros países, mas que “talvez todas as influências fazem a gente criar nossa própria linguagem (informação verbal)”. O informante (C) do grupo 2 destacou que eles abreviam nomes de manobras, “tipo um 360 flip a gente já chama de kick (informação verbal)”. Essas transformações nos signos fazem da língua desses skatistas um elemento particular em suas relações. José Fiorin explanou que expressar-se verbalmente é “antes de qualquer coisa, relacionamento, interação [...] a linguagem é um meio de ação recíproca, é um meio de interagir com outros” (FIORIN, 201. p. 19). Em momentos de sociabilidade os usos de linguagens específicas do skate formam as interações, compartilhamentos e comunicações. Para o referido autor:

Entre as ferramentas culturais do ser humano, a linguagem ocupa um lugar aparte, por que o homem não está programado para aprender física ou matemática, mas está programado para falar, para aprender línguas, quaisquer que elas sejam (FIORIN, 2013. p. 13).

O informante (B) do grupo 5 esclareceu que não há ensinamentos com explicações sobre estas gírias e expressões, pois:

(B) É difícil. Por que não é algo explicado. Tipo, você chega e de tanto você estar junto você entende o que é. Sem ninguém precisar falar com você o que significa. (Informação verbal)

Identifiquei nas práticas observadas e nas entrevistas que as falas características dos skatistas inferem teor cultural. Em conformidade com José Fiorin (2013), a diferença linguística marca a inclusão dos sujeitos em um “grupo social” e produz uma identificação a seus membros (FIORIN, 2013. p. 27). A língua particular desses skatistas possibilita suas sociabilidades e acabam compondo a identidade dos grupos. Além da linguagem verbal os skatistas também possuem a linguagem corporal. Existe uma forma de cumprimentar com as mãos que está presente na prática de skate (ver prancha 5, figura 9). Um dos informantes do Grupo 6, diz que

esse cumprimento é específico dos skatistas, e que mesmo que não seja usado, todos sabem como é. Conforme observações em campo, percebi que skatistas são expressivos também quando não acertam suas manobras. Expressando-se através de gritos, arremessos do objeto skate ao chão, batendo partes do skate nos obstáculos e imitando a forma como os pés devem fazer com as mãos (fazendo gestos com as mãos como se calculassem os movimentos para poder visualizá-la antes de tentar novamente). Outras expressões corporais vinculam-se aos gostos presentes no estilo de vida dos skatistas - que vão moldar suas formas de andar e vestir, por exemplo. Estes elementos significativos de estilos de vida apareceram na continuidade deste texto.

## 7.2 Compreensões sobre a prática

Questionados sobre suas compreensões do que é a prática do skate, skatistas do grupo 1 consideram o skate como um estilo de vida e alertaram para o crescimento constante da prática de skate, considerando que muitos skatistas podem não considerar skate como estilo de vida. Mas que independente dessas outras formas de entender o skate, eles compreendem que a maioria dos skatistas significam como um estilo de vida:

(A) Skate eu acho que é estilo de vida né, agora com o passar do tempo a modalidade está criando meio que uma categoria que é o esporte e tal, mas é um estilo de vida, a maioria da galera vive isso pratica isso. (Informação verbal)

(B) Tipo ele está crescendo tanto, mas ainda tem aquela parte pequena de quem curte mesmo andar de skate, tipo está crescendo tem gente que faz outras coisas não leva tão como um estilo de vida, mas a maioria leva como um estilo de vida mesmo. (Informação verbal)

Skatistas do grupo 2 problematizaram a compreensão de skate somente como esporte e afirmaram que o skate é um estilo de vida. O entrevistado (C) do grupo 2 destacou a relação da prática do skate com o sentimento de liberdade que, para ele, não existe no esporte. E o entrevistado (A) destacou que por conta da inserção do skate nas olimpíadas há pessoas afirmando o skate como esporte, mas que a prática de skate desde o início não tinha a intenção de esportivizar. (A) também avaliou o skate como um hobby e como uma atividade relaxante:



(A) Eu não faço como esporte, eu faço como um hobby, tipo eu estou em casa ou estou de cabeça cheia aí eu falo vou andar de skate. Por que o bagulho não é um esporte mano, nunca foi um esporte, o bagulho começou lá embaixo nunca foi visionário. Aí agora por causa das olimpíadas os caras estão falando que é esporte mais não é um esporte é um estilo de vida. É um cara que trampa que faz outro corre e vem e anda de skate e fica suave. (Informação verbal)

(C) O skate... você tipo pode fazer o que você quiser tá ligado, não precisa de um uniforme um regra certinha, eu chego e faço o que eu quiser tá ligado, ando do jeito que eu quiser, não tem como o skate virar esporte. (Informação verbal)

Skatistas do grupo 3 também consideraram o skate como estilo de vida. Indagados sobre as relações do estilo de vida skatista com suas compreensões de cultura, os entrevistados (A) e (B) informaram que a reunião de muitas pessoas que geralmente pensam da mesma forma é um elemento cultural:

(A) Cultura para mim é o que reúne muitas pessoas a viver de um jeito diferente e para mim o skate faz isso. (Informação verbal)

(B) Todo skatista tem um estilo assim que para mim é considerado uma cultura, geralmente todos pensam da mesma forma, são humildes, não precisam de muito para ser feliz. Acho que isso pode definir. (Informação verbal).

O skatista (B) do grupo 4 salientou que o skate pode ser muitas coisas, dentre elas esporte, lazer e profissão. Destacando as amizades e as experiências como elementos primeiros da prática:

(B) Ah mano... o skate é uma vivência. Você faz amizade, várias coisas.... É uma vivência, tá ligado?! É um esporte. Mas também é um lazer, profissão, muitas pessoas trabalham com isso. (Informação verbal)

Informantes do grupo 5 consideraram que o skate é um estilo de vida. Questionados sobre o skate ser considerado um esporte, os skatistas (A) e (B) comentaram sobre ideologias (aplicadas de forma lúdica) e ensinamentos que a prática infere. Eles salientaram que o skate pode ser muitas coisas, dentre elas esporte, lazer e profissão. Destacando as amizades e as experiências como elementos primeiros da prática:

(A) Mano, para mim o skate é um pratica física e ao mesmo tempo uma ideologia, mas não seria uma ideologia forte por que não é um bagulho, como eu posso dizer, um bagulho muito sério. (Informação verbal)

(B) Ah mano eu acho, é um esporte. É legal dá para praticar e ver a evolução. Mas também mano, é dá hora conhecer as pessoas que cola. As conversas

que rola, as ideias. Tipo é um bagulho que ensina muito você. Colar em uns picos de skate. (Informação verbal)

Os entrevistados do grupo 6, também afirmaram o skate como um estilo de vida. Descrevendo suas relações simbólicas e materiais com a prática de skate.

(A) É um estilo de vida. Quando você começa a andar de skate sua vida muda. Só quem anda sabe. (Informação verbal)

(B) É um estilo de vida. É, eu não consigo sair de casa sem o skate. Tipo quando eu saio sem o skate ou não estou andando, não está de baixo do braço não é a mesma coisa. Quando eu estou estressado o meu desestresse é o skate. O skate tira o meu estresse, As roupas largadona, o estilo maloqueiro, música, grafiti, aquele rap que passa uma mensagem bacana. (Informação verbal)

Em análise destas respostas reconheci que o skate possui diversidade em suas possibilidades de definição. Foi unanime a compreensão dos entrevistados de skate como estilo de vida, estando evidente que para os entrevistados skate não é somente uma prática física ou um esporte.

Bourdieu esclareceu que o estilo de vida é uma união de seleções dessemelhantes que formam uma unidade exteriorizando fundamentos singulares “de cada um dos subespaços simbólicos”, destacando além de vestimentas e materiais “a mesma intenção expressiva” (BOURDIEU, 1983. p. 83). Em conformidade com as ideias do autor compreendi que quando 11 dos 19 entrevistados alertaram sobre as pessoas que possuíam alguns elementos do estilo de vida (como vestir roupas, falar algumas gírias) não serem skatistas, era por que não tinham a mesma finalidade de expressão. De acordo com os entrevistados, há pessoas que não são skatistas e vestem roupas de marcas de skate apenas para fortalecer seus status e conseguir namorar ou fazer amizades e contatos (sociabilizar) mais fácil. Ou que algumas pessoas que admiram o estilo de vida e mesmo não sendo skatista usam algumas gírias para fazer amizades com os skatistas.

Eles argumentaram que, para alguém ser reconhecido, por skatistas, como um skatista que tem o estilo de vida do skate existem legitimações. Estas são conferidas quando eles se conhecem. Sendo a mais essencial a prática física do skate, seguida pelas percepções da vida, pela ressignificação que se faz no espaço (a partir da imaginação particular do skatista), pelo tênis rasgado ou gasto ou pelo seu respeito e apoio aos outros skatistas. Indagado sobre estes elementos em comum que fazem parte do estilo de vida de skatistas o informante (A) do grupo três 3 falou que

reconhece outros skatistas através da linguagem, por considerar que “*skatista fala muito igual (informação verbal)*”.

No grupo 4 foi realizada entrevista também com a namorada de um skatista. No momento em que questionei sobre estes elementos em comum que fazem parte do estilo de vida de skatistas o informante (C) disse que não se considerava do estilo de vida do skate somente por consumir conteúdos de skate e argumentou que não tem vivências e nem atuações com a prática do skate, que não poderia se considerar desta cultura quando não sabe falar nem mesmo o nome das manobras. E o entrevistado (A), namorado da entrevistada (C), justificou que eles dois (C e A) compartilhavam muitos gostos em comum como o gosto pelo *RAP*, pelas roupas de skatista, mas respondeu que há compartilhamentos particulares dos skatistas, da seguinte forma:

(A) Tem muita coisa em comum. Tem música que eu ouço que ela gosta, tem música que ela ouve que eu também acho legal. A gente sempre compartilha né?! Sempre no rolê é aquela coisa, a gente fortalece não só quem tá com a gente. Mas com quem tá de fora, às vezes a gente tem uma peça e a outra pessoa tá precisando (tem um tênis lá parado). Na área do skate tem bastante isso a gente tenta fortalecer a evolução e desenvolvimento da pessoa.” (Informação verbal)

O informante (C) do grupo 2 diz que reconhece o estilo de vida de skatistas da seguinte forma:

(C) A roupa, a música. Às vezes, você olha a roupa do cara e você já sabe que ele anda de skate. Às vezes um rasguinho ali no tênis e tals... (Informação verbal)

Na praça Roosevelt enquanto os skatistas sociabilizavam reparei que eles possuíam diversos estilos de vestimenta e ao analisar os estilos concordei com Billy Bastos que disse que “ao estilo de vida dos skatistas, correspondem estilos de ser skatista. Nenhum skatista pode ser mais skatista que outro, mas podem ser diferentes” (BASTOS, 2006. p. 68). Porque cada skatista tem a livre escolha de como praticar skate ou de como se vestir, cada praticante tem suas características que podem ou não definir o seu estilo de praticar. A partir das observações e entrevistas destaco três estilos de vestimenta que são mais comuns na prática do skate: o estilo *Gangueiro*, o estilo *punk rock* ou *oldshool* e estilos de roupas casuais/básicas ou modernas. *Gangueiro* é um estilo geralmente relacionado ao estilo gangster ou hip-hop. O skatista (A) do grupo 4 aclarou sobre características desses estilos:

(A) Você olha um cara andando de skate, mas tipo... o skatista ele tem vários estilos diferentes. Não tem um só. Tem tipo o estilo Gangueiro, tem o mais Oldschool, tem um cara mais Moderno. Tem tipo vários tipos de modalidade, entendeu? Modalidade, assim, estilo. Aí influência bastante no estilo musical, no jeito que o cara anda também. Por que é uma expressão corporal do jeito que o cara se veste muita coisa entendeu. Fora também, claro outras tribos às vezes um gangster, ou Oldschool, às vezes ouve um *SKA*, um *RAP*, um *Reggae*, uma música mais *Hardcore*, de um *Oldschool* ou de um *Punk Skate*. Ou tipo de um Moderno. E esse estilo de cada um, varia também nas manobras, você querendo ou não parece que é igual, mas não é igual. Varia bastante no jeito que o cara anda. Como eu posso dizer no jeito que ele mostra como ele anda e também na vestimenta. (Informação verbal)

A partir de observações, identifiquei que a forma de manobrar ou impulsionar o skate de acordo com cada tipo de estilo poderia ser, por exemplo, mais rápida ou mais lenta. Skatistas que são de estilos de vida vinculados à movimentos de natureza, ao rastafári ou ao reggae costumam praticar skate com mais calma em um ritmo mais tranquilo. Em consonância com Bastos (2006), identifiquei que os estilos são caracterizados pela relação do skate com os espaços urbanos. O estilo Gangueiro, que foi mais comentado, se caracteriza pelas roupas. Gangueiros usam calças largas com bolsos grandes que se estendem quase ao joelho ou começam próximo ao joelho, camisetas largas e grandes e bonés de aba reta. Já os skatistas de estilos *punk* ou *oldschool*<sup>2</sup>, vestem-se com roupas mais apertadas e acessórios do gênero *punk rock* de música. Gangueiro, *punk*, *oldschool*, rastafári, casual ou moderno, não são estilos obrigatórios à prática de skate (estes estilos e outros podem ser observados nas pranchas 6, 7, 8, 9 e 10. Figuras 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19). Pois outro elemento essencial à prática do skate é a imaginação e ressignificação dos objetos são estilos que podem também ser combinados. Isto porque cada skatista busca criatividade e singularidade. Que é o que ocorre no imaginário e ressignificação de espaços da cidade, conforme o entrevistado (A) do Grupo 1:

(A) Na verdade, é que o skate tem essa parada das áreas feitas para o skate, que são os skateparks, né?! Mas tem essa cultura do lifestyle do skate, tipo nosso lifestyle é esse. Ter outra visão. Tipo, você vai passando de ônibus, você vê um corrimão, um banquinho... A gente já vê um milhão de coisas que dá para fazer ali. Então nossa visão do espaço urbano é totalmente diferente, Você olha ali, você vê um corrimão, uma escada, a gente já vê uma Double Set. Flip de Fron. Tailslide... Mano uma par de bagulho, tá ligado?! Que é uma visão diferente. (Informação verbal)

---

<sup>2</sup> Oldschool palavra derivada da língua inglesa que os skatistas usam para caracterizar quem se veste com roupas de referência ao estilo musical Punk Rock.

Esta fala do informante (A) também explicita o quanto é essencial a relação do indivíduo com a urbanidade e a transgressão. Aqui é importante lembrar que nesta pesquisa tratei da prática do skate na Praça Roosevelt, ou seja, uma prática específica de skate de rua. Mesmo com as diversidades de gostos dos skatistas existem elementos que os une. Conforme análises às entrevistas destaquei três elementos principais que demonstram a união e intencionalidade conjunta dos skatistas: a prática física com o objeto skate (que depende do material/objeto skate), o apoio e assistência que skatistas oferecem uns aos outros (ou a amizade) e suas relações em comum com referências urbanas (com a cidade).

### 7.3 O grupo como ponto de unidade

Como descrito no começo do capítulo, a partir das observações dos participantes apurei que os skatistas sempre estão em grupo, chegam na praça em grupos, e os que chegam sozinhos se juntam em algum grupo de outros skatistas, ao chegar cumprimentam todos que estão no estão no grupo (ver prancha 11 e 12, figuras 20, 21, 22,) e começam a sessão<sup>3</sup>. Questionei aos grupos se haviam preferências sobre praticar skate em grupos ou sozinhos. Em resposta informantes do grupo 2, (A) e (B), alegaram que preferem praticar em grupo, mas que praticam sozinhos também. Para eles tanto sozinhos quanto em grupos existem benefícios na prática referente às evoluções das manobras:

(A) Tipo assim... Hoje eu vim andar sozinho, as aí cheguei aqui e encontrei os cara, tá ligado?! Aí fica de boa. Porque, às vezes é foda você andar sozinho, tá ligado?! Você fica ali no seu canto quieto treinando suas trick, ou tem um cara bom andando aí você fica olhando com ele anda. É bom você andar sozinho para treinar umas trick, tá ligado?! Mas é melhor você andar e aprender junto com a galera, tá ligado?! Você pode perguntar, tipo, “como manda isso”, “como é a base disso”. (Informação verbal)

(B) Às vezes ando sozinho, mais a maioria das vezes ando junto. (Informação verbal)

Estes entrevistados argumentaram que praticar em grupo é melhor para o desenvolvimento e aprendizagem de novas manobras, mas que praticar sozinho é significativo para a evolução individual com as manobras. O informante do grupo 4, (B), evidenciou que em grupo a motivação para praticar se intensifica, por existir uma

---

<sup>3</sup> Sessão refere-se ao período que os skatistas praticam fisicamente skate.

agitação e condução contagiante na prática em grupo. E (A) enfatizou a assistência dada entre skatistas na prática em grupo.

(A) Ah mano, chamar a galera, cada um ajuda o outro, tipo “a você está errando tal coisa”. (Informação verbal)

(B) Às vezes você está mandando a manobra e não tem a visão do que você tá errando, mas a pessoas de fora olha e vê, e é aquela coisa as vezes você tá com o pessoal mais não está no pique de andar e acaba vendo o pessoal ali tal ai começa a bater aquela vontade de andar, ai você começa a andar, andar, entendeu um acaba puxando o outro. (Informação verbal)

Desta forma, os entrevistados do grupo 4 o grupo auxilia na percepção de erros na prática física, contribuindo para boas aplicações de manobras. Integrantes do grupo 5 também marcaram suas preferências pela prática em grupo:

(A) Mano, é sempre melhor andar com o parceiro. Mano que deixa o role mais dá hora, mas se não der... Às vezes ando sozinho, né?! (Informação verbal)

(B) Ah mano.... Sempre com duas pessoas ou mais. (Informação verbal)

Entrevistados do grupo 1 explicaram que além de praticar skate como estilo de vida e compreender o lado esportivo do skate eles trabalham com skate. Alguns trabalham com audiovisual e fotografia de skate e outros com lojas de materiais de skate. Quando indagados sobre a prática em grupo ou individual informantes (A) e (B) responderam:

(A) Quanto mais melhor. Até o ponto que não atrapalhe um trabalho uma coisa que você está fazendo, quanto mais melhor. (Informação verbal)

(B) Tipo, é... pelo lado esporte do skate, acho que é o único esporte onde o segundo colocado fica feliz pelo primeiro. Tipo, se não fica, ai é o que eu falo: Não é o lifestyle do bagulho, às vezes o maluco é só pelo esporte mesmo. Porque mano, o cara torce mesmo! Tipo: “ou, vai lá!”, “vai mais uma, pode ir” é tipo muito da ora, tá ligado?! (Informação verbal)

O informante (A) trabalha com registro audiovisual de skate e argumentou que por este motivo, quando está trabalhando, lotações no espaço de trabalho podem acabar interferindo no registro de imagens. O skatista (B) ressaltou que faz parte do estilo de vida do skate praticar em grupo e não ser competitivo, apontando que alguns skatistas que praticam skate somente como esporte podem preferir individualismos ou competitividades, mas que para ele estes não são skatistas do estilo de vida.

Os entrevistados dos grupos 3 e 6 também expressaram suas preferências em praticar skate em grupos em conformidade com os outros entrevistados. Sobre as

observações iniciais da praça que percebi que alguns skatistas não chegavam já em grupos, mas se formavam grupos, perguntei aos entrevistados dos grupos 1 e 2 se eles haviam combinado seus encontros. O grupo 1 que é formado por skatistas dos estados: Ceara (um skatista), Santa Catarina (um skatista), Minas Gerais (um skatista), e São Paulo (dois skatistas). Segundo os informantes do grupo 1 eles não combinaram de se encontrar para praticar, descrevendo que uns dois já se conheciam, esses se encontraram na praça e já formaram o grupo com outros conhecidos. Para os entrevistados do grupo 1 faz parte do skate fazer amizades ou conhecer amigos dos seus amigos.

Os entrevistados do grupo 2 já se conheciam há muitos anos. Elucidaram que todos moravam no centro, próximo à Praça Rossevelt, mas que alguns depois mudaram de bairro e foram morar nas zonas norte e zona leste da cidade. Os informantes do grupo 2 afirmaram que não combinaram de se encontrar, mas que sempre acabam se encontrando na praça de forma espontânea. Segundo eles isto ocorre porque todos gostam muito de praticar na Rossevelt e têm as disponibilidades de horários para praticar parecidas. Entrevistados do grupo 1 esclarecem que a formação de grupo se daria em outros espaços também, pois não é algo único da prática na praça Roosevelt:

(A) É difícil você ver um skatista sentado sozinho. (Informação verbal)

(B) É, tipo... Se a gente estivesse no Vale, nós íamos estar com o mesmo ciclo de amizade. Só que com outros caras, entendeu? (Informação verbal)

(C) Se encontramos por acaso. (Informação verbal)

(D) É tipo se a gente sair daqui e descer ali, já é outras pessoas que a gente conhece também. (Informação verbal)

Para George Simmel a sociabilidade pode ser compreendida como um momento de encontro entre os participantes, onde formas de interações são desenvolvidas. Em conformidade com o argumento do autor destaquei que o informante (A) do grupo 1 aclarou uma situação de interação resultante da sociabilidade dos encontros, onde skatistas podem favorecer uns aos outros e também compartilhar vivências:

(A) Na real uma das maiores coisa do skate é que tipo.. Você chega no local e não conhece ninguém. Você fala: "mano vou andar de skate"... Porque depois que você anda de skate uma hora, você já tem casa para você ficar. Já tem gente para mostrar a cidade para você. É meio que uma lei no skate.

Você chega e vai direto para o pico e vai andar de skate, aí já tem gente que agiliza cama, casa. (Informação verbal)

O informante (D) completa a resposta de (A) dizendo que:

(D) Se tem as pessoas certas que sabe o que é o skate de verdade... te vê andando, ele vai te ajudar. E se um dia ele chegar em outro lugar, vai ter gente para ajudar ele. E isso é obvio, todo mundo é junto. É diferente de qualquer esporte como futebol... qualquer coisa. (Informação verbal)

Assim como no discurso de (D) observei que há constantes divergências entre a prática de skate e a prática particular de skate esportivo. As formas de sociabilidade dos skatistas, suas trocas simbólicas e materiais expõem sua cultura. Sinalizando compartilhamentos, ensinamentos, aprendizados, acolhimentos que não desejam considerar a prática competitiva. Skatistas entrevistados da praça Roosevelt também indicam que um elemento significativo da prática é o respeito à diversidade de cada skatista sem que se perca o reconhecimento dos elementos legitimadores. Neste sentido tudo que não for essencial à prática do skate (como as trocas, a prática física e a ideologia da cumplicidade e assistência que são essenciais) poderá ser respeitado e reconhecido como igual na unidade. O informante do grupo 3, (C), argumentou que sempre surgem novas formas de vestimentas e novas palavras, mas a ideologia e prática social de skate sempre se mantém. Entre as relações que estabilizam a cultura do skate estão: os laços de amizade através da conexão pela prática física, a capacidade de reconhecer o outro enquanto igual e diferente ao mesmo tempo, a preferência pela participação coletiva, a comunicação através de linguagens específicas da unidade, o compartilhamento e classificações de gostos e compartilhar de ressignificação sobre o urbano.

Durante a observação na praça me chamou a atenção a maneira como os skatistas reagem quanto outro skatista acertava uma manobra, então durante as entrevistas quis entender melhor essa relação de celebração. Perguntei para os entrevistados o porquê de comemorar a manobra e os informantes (A), (B) e (C) do grupo 1 responderam:

(A) Mano, às vezes é mais da hora o cara acertar uma manobra do que você mesmo. Ainda mais se você vê o cara dando maior sangue pelo bagulho, aí você vê o cara errando e errando... Aí ele volta, aí você tipo: "Wow!!!". Nós que filma ainda, mano... O bagulho na real... Um dos maiores prazeres do skate é ver manobra. Independente se é sua ou se é dos outros. Você vai pro pico, chega lá, não consegue nem andar. Aí você fica meio de bad. Mas você vê tanto bagulho da hora que você vai para casa muito feliz sem nem ter manobrado. É difícil explicar esse bagulho. (Informação verbal)



(B) Tipo as vezes você está andando... Aí você vê o maluco errando a manobra. Você tá de fora, você vê... Tipo eu cheguei pro moleque e falei: "ó tem que fazer assim, tal coisa.... Você olha de fora, você ajuda um cara que você nem nunca viu. (Informação verbal)

(A) É tipo... O cara manda um bagulho da hora e você viu. É tipo... o cara te dar um presente às vezes, tá ligado?! Tipo do nada você tá na sessão e o cara tá ali marretando, aí ele manda um bagulho foda. Você volta para casa pensando tipo: "Que naípe!" É como se fosse um presente. É que nem... Para a gente que grava às vezes nos sentimos assim. (Informação verbal)

(B) Só de você ver uns bagulhos que acaba de sair na internet... Você vê os comentários assim: "Eu estava lá, foi muito louco!!" Tipo, a pessoa valoriza isso, é muito naípe. (Informação verbal)

(C) Aí daqui a pouco ele vai e volta... Porque você deu uma opinião e o cara fica muito feliz e você também. (Informação verbal)

No discurso desses informantes, o ir e voltar simboliza o momento de preparação e execução das manobras, quando os skatistas voltam é para aplicar a manobra planejada na ida. Eles afirmam que o ato de um skatista acertar a manobra é motivo de comemoração. Mesmo que não sejam conhecidos. A celebração pode ser mais intensa quando presenciam o esforço de uns skatistas ou quando se envolvem trocando dicas sobre como executar uma manobra. O entrevistado (B) enfatiza este elemento social da prática de skate quando menciona a ocorrência de celebrações inclusive pela internet. Os skatistas do grupo 1 ainda ressaltaram que:

(C) É comum quando você vê assim... O cara está o dia inteiro tentando acertar uma manobra. Tipo, pular uma escada. Quando ele acerta, todo mundo que está vendo vai e comemora. (Informação verbal)

(A) É a mesma coisa quando você vê um cara errando uma manobra e o skate acerta o saco. Nossa! Todo mundo sente junto. (Informação verbal)

Observei que esta manifestação compõe um momento festivo na sociabilidade de skatistas. Mas há momentos de lamentações, como mencionado por (A) do grupo 1. Estas lamentações e manifestações de tristeza se dão nos momentos em que as manobras geram acidentes e ferimentos. Estas manifestações referem-se as empatias. Ainda sobre o questionamento feito sobre as manifestações festivas skatistas do grupo 3 informaram:

(A) A gente sempre aplaude, vê que o cara está tentando há muito tempo a manobra e de repente ele acerta, dá um incentivo, até com skatista que você não conhece, você o cara andando e acertando umas manobras você bate palma, as vezes você cai o cara vem a ajuda você a levantar, é uma das coisas que eu mais admiro no skate. (Informação verbal)

Todos os outros informantes deste grupo concordaram com a resposta do informante (A). Entrevistados do grupo 4 descreveram suas emoções no momento de celebração das manobras:

(A) É loco, mano não tem como expressar. É um negócio indescritível, você vai ficar tipo meses, semana tentando aí quando você vai. (Informação verbal)

(B) É alegria, a gente se sente feliz pela outra pessoa. Como eu posso dizer é tipo quando você está assistindo futebol, aí você aquele gol bonito independente de ser seu time ou não aí você fala nossa que foda, então é aquela emoção é um negócio que é sentimento é aquela emoção. (Informação verbal)

O entrevistado (A) do grupo 5, expondo que não precisa ter amizade ou conhecer o executor da manobra para sua contemplação, disse:

(A) mesmo se eu não conhecer o cara e ele mandar um Flip e eu achar que saiu bonito eu vou falar: “Dá hora mano!” (Informação verbal)

Skatistas do grupo 6, indagados sobre quais reações tinham ao ver manobras bem executadas por outros skatistas, responderam:

(A) É só alegria, só alegria! A gente aplaude. É uma reação boa. Todo mundo fica feliz! Qualquer um... Porque a gente quer que a pessoa evolua no skate. É uma coisa natural, sem interesse. (Informação verbal)

(B) Pilaco! (Informação verbal)

O skatista (B), completou a resposta de (A) usando a gíria “Pilaco” que é muito usada nestes momentos, segundo o grupo 6. Todos os outros informantes dos seis grupos entrevistados disseram que é um sentimento de alegria comum que vincula-se geralmente às execuções das manobras. Conforme “B” do grupo 5 tudo se dá pela interação:

(B) Porque skate é isso mano, é tudo junto mano, skate é aprendizado você vai conhecer com o outro e o outro vai conhecer com você, você conhece o cara você dá role com ele, skate é tudo somariado. (Informação verbal)

Conforme observações as comemorações podem ser expressas através do bater palmas (ver prancha 12, 13 e 14, figuras 23, 24, 25 e 26), do gritar ou falar palavras ou gírias solenes ou através de batidas do objeto skate no chão (acompanhadas de gritos e sorrisos).

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos conceitos e elocuições expostas no decorrer deste trabalho reconheci características que definem o consentimento de uma identidade cultural na prática de skate na Praça Franklin Roosevelt. Destacando elementos fundamentais para o entendimento da história do skate no mundo e no Brasil. Busquei entender como se relacionavam os skatistas, como sociabilizavam observando seus códigos, seus compartilhamentos de gostos musicais, artísticos visuais, de moda e de suas intencionalidades em comum. Percebi os sentimentos expostos por cada grupo de skatistas sobre a unidade social.

Conforme com a proposta metodológica qualitativa deste trabalho, de tratar as relações de sociabilidade dos skatistas, os resultados obtidos com as entrevistas trouxeram alcance dos objetivos propostos. Os skatistas possuem características únicas, como linguagem que eles possuem e que faz parte de suas práticas cotidianas para se referirem à prática. Deste modo podemos identificar esses skatistas como um grupo constituído. De acordo com as explicações expostas sobre identidade social, a prática do skate permite a formação de um grupo de pessoas que se reconhecem e se identificam como iguais através de seus códigos culturais. A prática do skate, conforme esclarecida pelos informantes, é compreendida como um estilo de vida a partir das vivências e experiências são conferidos gostos simbólicos e aquisições materiais simbólicas de base àqueles que praticam fisicamente. De acordo com as teorias de Pierre Bourdieu (1983) e Billy Bastos (2006), adotei uma das possibilidades de entendimento da prática skatista, analisando os dados pelo ponto de vista do estilo de vida.

Retomo argumentos de George Simmel (2006) sobre as experiências de convívio que nos moldam, as formas de interação dos indivíduos e as manutenções das relações criadas por intermédio da sociabilidade e convertidas em códigos culturais. A essência da prática de skate está na cidade, que para Simmel, é o local de sociabilização mais comum. Em espaços públicos o skate tem seu lado transgressor que é essencial para a construção crítica dos sujeitos que ressignifica e exercem questionamentos sobre os direitos à cidade. Este lado transgressor do skate não foi o foco desta pesquisa, mas a conexão que pode ser feita entre a sociabilidade e a prática de questionar direitos e exercer deveres no movimento skatista pode ser aprofundado em uma próxima pesquisa.

No âmbito da produção e política cultural as atribuições de um produtor ou gestor cultural são diversas, desde a apresentação de projetos e políticas culturais, reconhecimento e valorização das diversidades culturais existentes. Reconhecer e valorizar também patrimônios imateriais, culturais. Nesta compreensão da atuação do produtor cultural contribuo, como futuro profissional, para estudos da cultura do skate reconhecendo seu valor cultural. Defendo que a prática do skate não pode ser estudada e reconhecida somente pelo ponto de vista esportivo, pois há demais possibilidades de estudo para serem exploradas. Assim, também considero que este trabalho abre a oportunidade para uma nova pesquisa de análise da sociabilidade de skatistas do gênero feminino (entre outros grupos possíveis de skatistas que não foram estudados ainda) sobre esta perspectiva.

Através das diversidades e aspectos que perpassam a prática do skate, verificamos relações de sociabilidade dos indivíduos, suas significâncias e visões acerca de si mesmos na unidade, suas formações individuais perpassadas pelas formações de grupo, seus gostos em comum e suas linguagens. Constatei que há informações sobre a prática do skate que permitem o argumento de que skate é uma expressão cultural.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, Billy Graeff. *Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas: da “vizinhança” ao “corre”*. 2006. 174 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- BRANDÃO, Leonardo. *A Cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural*. Dourados: Ed. UFGD, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Corpos deslizantes, corpos desviantes: A prática do skate e suas representações no espaço urbano, 1972 a 1989*. Dissertação apresentada para a Universidade Federal da Grande Dourados, no Programa de Pós-Graduação em História, em 2006.
- \_\_\_\_\_. *Por uma história dos “esportes carlifornianos” no Brasil: o caso da juventude skatista, 1970 a 1990*. Tese apresentada para a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação em História Social, em 2012.
- BONI, Paulo César, MORESCHI, Bruna Maria. *Fotoetnografia – a importância da fotografia para o resgate etnográfico*. 2007, Londrina. BONI, P.C.; MORESCHI, B.M. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. Revista Doc Online, n.03, Dezembro 2007. Disponível em : <[http://www.doc.ubi.pt/03/artigo\\_paulo\\_cesar\\_boni.pdf](http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf)>.
- BOURDIEU, Pierre, 1930. *Pierre Bourdieu: Sociologia* / organizador [da coletânea] Renato Ortiz; [tradução de Paulo Montero e Alicia Auzmendi]. – São Paulo: Ática. 1983. p. 82-88.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*/Denys Cucho; Tradução de Viviane Ribeiro. - -2.ed. - - Bauru: EDUSC, 2002. p. 175-188.
- DA ROLT, Clóvis. *Um rio de muitas margens: sociabilidade, interações simbólicas e práticas de apropriação da arte*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2008.
- DIAS, Giuslaine de Oliveira. *Skateboard para além do esporte: manifestação social e movimento cultural*. 2011. 190 f., il. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais)— Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/2680>

- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.64-89
- GIDDENS, Anthony. Sociologia. 6 ed., Trad. Alexandra Figueiredo, Ana Patrícia Duarte Baltazar, Catarina Lorga da Silva, Patrícia Matos e Vasco Gil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. p. 26-29.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- HONORATO, T. *Uma história do skate no Brasil: do lazer à esportivização*. In: XVII Encontro Regional de História – O lugar da história, 2004, UNICAMP/Campinas. ANPUH/SP. Campinas-SP: UNICAMP, 2004. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20IX/Tony%20Honorato.pdf>>
- LOPES ALVES, F.: "A dinâmica da sociabilidade em Georg Simmel", em *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, Julio 2013. Disponível em: [www.eumed.net/rev/cccss/25/georg-simmel.html](http://www.eumed.net/rev/cccss/25/georg-simmel.html).
- MENEZES, N. *Filhos do Betão, 30 Anos de skate em Portugal; Skate, identidade e subculturas juvenis em espaço urbano*. 111 folhas. Tese apresentada para o Instituto Universitário de Lisboa no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, em 2010.
- PRODANOV, Cleber C; FREITAS, Ernani César de. *Metodologia do trabalho científico. Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SIMMEL, Georg, 1858-1918. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*/ Georg Simmel; [tradução, Pedro Caldas]. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- UVINHA, R. R. *Juventude, lazer e esportes radicais*. Barueri: Manole, 2001.

## PRANCHA 1



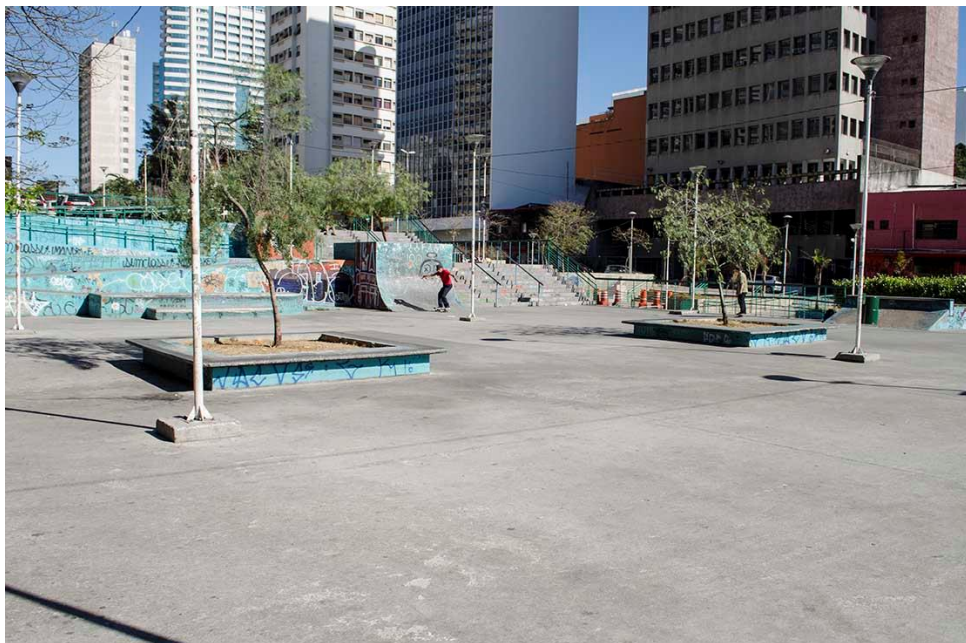
Figura 1 – A praça Roosevelt e os skatistas. Fonte: Júlio Felix - 2017



Figura 2 - A praça Roosevelt e os skatistas. Fonte: Júlio Felix - 2017

**PRANCHA 2**

**Figura 3 - A praça Roosevelt e os skatistas. Fonte: Júlio Felix - 2017**



**Figura 4 - A praça Roosevelt e os skatistas. Fonte: Júlio Felix - 2017**



## PRANCHA 3



Figura 5 – Placa de aviso, proibido skate. Fonte: Júlio Felix - 2017

## PRANCHA 4



**Figura 6 – Skatistas praticando pela praça. Fonte: Júlio Felix - 2017**



**Figura 7 – Skatistas praticando pela praça. Fonte: Júlio Felix - 2017**

**PRANCHA 5**

**Figura 8 – Skatistas praticando pela praça. Fonte: Júlio Felix - 2017**



**Figura 9 – O toque de mão. Fonte: Júlio Felix - 2017**

**PRANCHA 6**

**Figura 10 – Alguns estilos de vestimenta. Fonte: Júlio Felix - 2017**



**Figura 11 - Alguns estilos de vestimenta. Fonte: Júlio Felix - 2017**

## PRANCHA 7



Figura 12 - Alguns estilos de vestimenta. Fonte: Júlio Felix - 2017



Figura 13 - Alguns estilos de vestimenta. Fonte: Júlio Felix - 2017

## PRANCHA 8



Figura 14 - Alguns estilos de vestimenta. Fonte: Júlio Felix - 2017



Figura 15 - Alguns estilos de vestimenta. Fonte: Júlio Felix - 2017

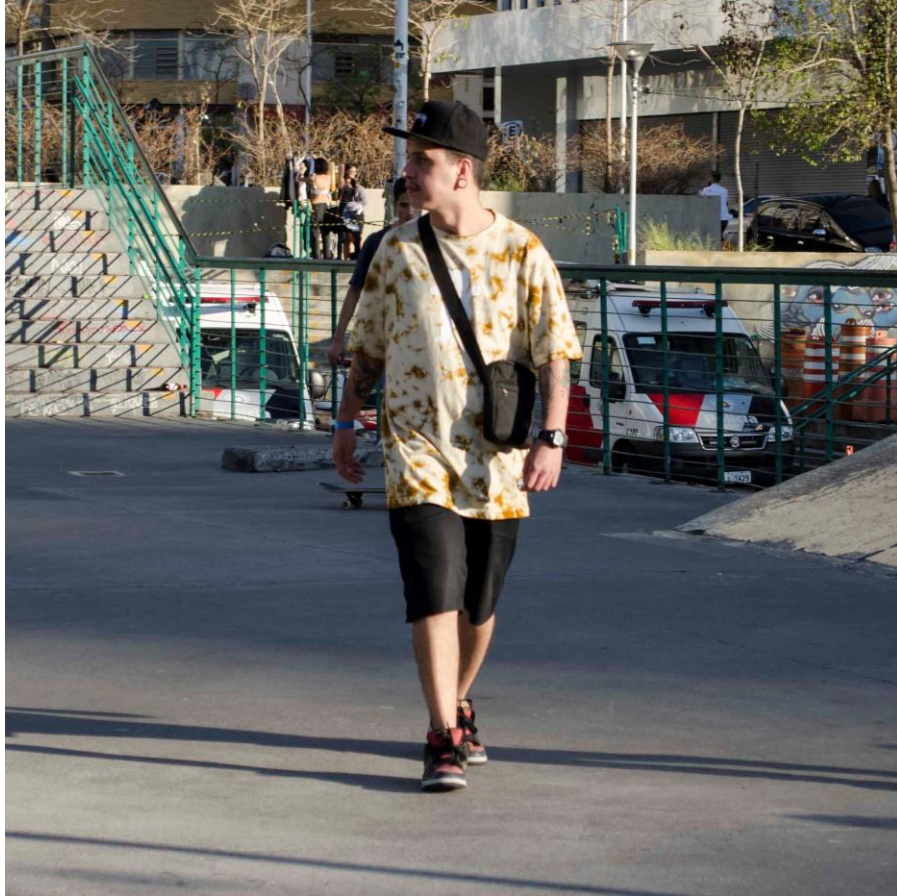
## PRANCHA 9



Figura 16 - Alguns estilos de vestimenta. Fonte: Júlio Felix - 2017



Figura 17 - Alguns estilos de vestimenta. Fonte: Júlio Felix - 2017

**PRANCHA 10**

**Figura 18 - Alguns estilos de vestimenta. Fonte: Júlio Felix – 2017**



**Figura 19 - Alguns estilos de vestimenta. Fonte: Júlio Felix - 2017**



## PRANCHA 11



Figura 20 – Skatistas se cumprimentando. Fonte: Júlio Felix - 2017



Figura 21 – Skatistas se cumprimentando. Fonte: Júlio Felix - 2017

## PRANCHA12

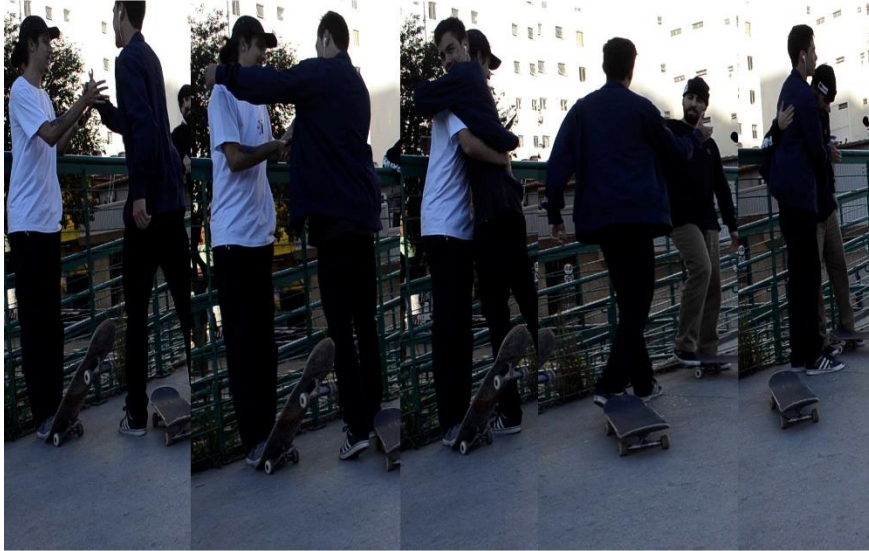


Figura 22 – Skatistas se cumprimentando. Fonte: Júlio Felix - 2017



Figura 23 – Skatistas comemorando a manobra. Fonte: Júlio Felix - 2017

**PRANCHA 13**

**Figura 24 – Skatistas comemorando a manobra. Fonte: Júlio Felix - 2017**



**Figura 25 – Skatistas comemorando a manobra. Fonte: Júlio Felix - 2017**

**PRANCHA 14**

**Figura 26 – Skatistas comemorando a manobra. Fonte: Júlio Felix - 2017**



**Figura 27 – Skatistas sociabilizando. Fonte: Júlio Felix - 2017**

**PRANCHA15**

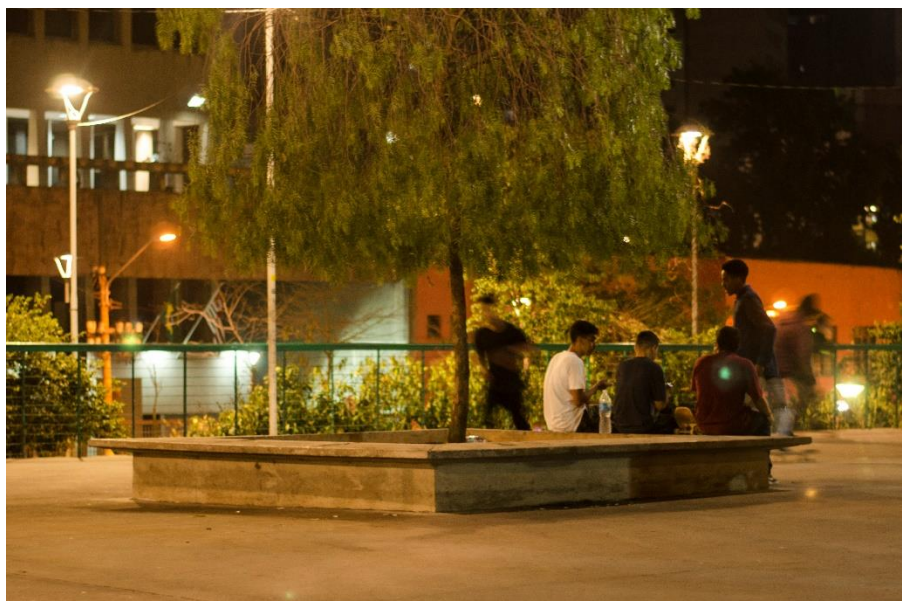
**Figura 28 – Skatistas sociabilizando. Fonte: Júlio Felix - 2017**



**Figura 29 – Skatistas sociabilizando. Fonte: Júlio Felix - 2017**

**PRANCHA 16**

**Figura 30 – Skatistas sociabilizando. Fonte: Júlio Felix - 2017**



**Figura 31 – Skatistas sociabilizando. Fonte: Júlio Felix - 2017**

**PRANCHA 17**

**Figura 32 – Skatistas sociabilizando. Fonte: Júlio Felix - 2017**



**Figura 33 – Skatistas manobrando. Fonte: Júlio Felix - 2017**

**PRANCHA 18**

**Figura 33 – Skatistas manobrando. Fonte: Júlio Felix - 2017**



**Figura 34 – Skatistas manobrando. Fonte: Júlio Felix - 2017**